



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à CNN e à Cadeia MVS Radio

Cancún, México, 22 de fevereiro de 2010

Presidente: ...quem manda na própria região, você pode priorizar. Eu sou amplamente favorável à constituição de um bloco. Aliás, eu acho que falta, muitas vezes, fórum para que a gente delibere as coisas entre nós, porque isso vai dando maturidade, vai dando responsabilidade e vai fazendo com que a gente aprenda, cada vez mais, a agir com mais responsabilidade, criar menos problemas nas nossas relações e mais soluções nas nossas relações.

Jornalista: O golpe de Honduras pôs em evidência que os foros multilaterais não funcionam para resolver rupturas institucionais.

Presidente: Olha, há muito tempo, há muito tempo o Brasil tem discutido, e eu tenho discutido que a representação multilateral está muito enfraquecida. Vamos ser sinceros: a ONU não tem a força que o mundo precisa, de uma instituição importante, que é o maior símbolo da governança global, e que não consegue resolver a maioria dos problemas porque está enfraquecida, não representa mais a geopolítica do século XXI, ela está baseada em uma relação política do século XX, da 2ª Guerra Mundial. A OEA, a mesma coisa. Então, nós temos vários fóruns multilaterais que não representam mais.

Então, o que aconteceu em Honduras é a demonstração da fragilidade da OEA, apesar da boa vontade, do trabalho do Insulza, que foi lá. Mas acontece que Honduras não se mexeu, ou seja, consolidou o golpe, convocou a eleição sem que o presidente legitimamente eleito pudesse participar, tomou posse a nova direção, o Zelaya foi para o México e ainda não conquistou os seus direitos políticos. Ou seja, se nós não tivermos instituições multilaterais fortes,



que tomem decisões e que elas seja cumpridas e respeitadas, nós poderemos ficar assistindo outras “Honduras” acontecerem em outros países do mundo, o que não é normal. Eu tenho me batido muito pela questão da paz no Oriente Médio. Ou seja, a paz no Oriente Médio não é uma obrigação dos Estados Unidos, não é uma obrigação da Rússia, não é uma obrigação da França. Deveria ser uma obrigação das próprias Nações Unidas, era a ONU que tinha que coordenar o sistema de paz no Oriente Médio. Entretanto, não faz. Por quê? Porque está enfraquecida, porque não tem força e porque o Conselho de Segurança também não representa mais a geopolítica do século XXI.

Jornalista: Dever-se-ia dotar de capacidades coercitivas, por exemplo, a OEA, para lidar com situações como a que viveu Honduras?

Presidente: Eu penso que você tem que ter instrumento de coerção. Na medida em que você decide, por maioria absoluta ou por unanimidade, uma decisão, todos nós estamos obrigados a concordar com aquilo, se nós quisermos participar desse fórum. Ora, se eu sou da ONU, se eu sou da OEA, se eu sou da Unasul, se eu sou de qualquer outro fórum e nós tomamos uma decisão coletiva, todos nós precisamos estar subordinados ao cumprimento daquela decisão. Senão, para que serve?

Jornalista: O golpe foi consumado. Que avaliação merece o papel dos Estados Unidos na crise hondurenha?

Presidente: Olha, eu penso que os Estados Unidos poderiam ter feito mais e poderiam ter contribuído para que o golpe não se consumasse, para que o presidente Zelaya voltasse ao governo, convocasse as eleições e voltasse à normalidade. Lamentavelmente, lamentavelmente, os Estados Unidos não fizeram esse papel que deveriam fazer.



Jornalista: O senhor conversou sobre isso com o Presidente Obama, que o estima muito, pelo que disse ele?

Presidente: Muitas, muitas vezes, muitas vezes. Veja, eu tenho uma extraordinária relação com o Obama, o Brasil tem uma extraordinária relação com os Estados Unidos. Mas, muitas vezes, eu penso que as coisas dependem muito menos da vontade do presidente, ou seja, mais da estrutura de poder interna. A estrutura, o aparelho do Estado, muitas vezes, é que determina como as coisas devem acontecer. E eu acho que os Estados Unidos poderiam ter consagrado, com o seu comportamento para Honduras, numa nova política para a América Latina. Eu tinha já falado com o presidente Bush, durante muito tempo. Depois eu já falei com o presidente Obama. Quando fomos a Trinidad e Tobago, fizemos uma reunião da Unasul com o presidente Obama, em que a gente ponderava que era preciso que os Estados Unidos tivessem um outro olhar para a América Latina e para a América do Sul.

Jornalista: Presidente, deixe-me fazer uma pausa. Mas antes disso, pergunto: Porfírio Lobo, que já é Presidente de Honduras, está ausente da Cúpula da Riviera Maia. O Brasil poderia, em algum momento, reconhecer o Governo dele?

Presidente: Primeiro, ele não foi convidado para vir a essa reunião, o que é muito importante, seja como decisão do Grupo do Rio, seja como condição e decisão da Cúpula da América Latina e do Caribe. Segundo, veja, o Brasil, como é um assíduo participante dos fóruns multilaterais, na hora em que a OEA tomar uma decisão sobre Honduras, possivelmente o Brasil possa acatar uma decisão da OEA. Por enquanto, a posição do Brasil é de que não foi resolvida a questão do voto em Honduras, ou seja, que nós não concordamos



com o comportamento que teve o Governo de Honduras. Não concordamos e acho que o Zelaya está no México, já terminou o seu mandato, mas a verdade é que ele foi, equivocadamente e de forma muito ditatorial, afastado do poder, e nós não podemos brincar com ditadura na América Latina e na América Central.

Jornalista: Presidente Lula, há um momento o senhor falou de uma nova política para a América Latina, com um Presidente como Barack Obama. Houve os acontecimentos em Honduras, temos bases norte-americanas na Colômbia, que geraram preocupações, que podemos dizer dos primeiro ano do Governo Obama no que diz respeito à América Latina?

Presidente: Eu ainda tenho muita expectativa. A eleição do Obama para mim tem um significado muito importante. Eu tenho dito que o Obama não tem que fazer nada muito diferente, ele só tem que representar a ousadia que o povo americano teve quando votou nele para Presidente da República, que foi um gesto excepcional. E o Obama representa uma expectativa, não apenas para o povo americano, para mim ele representa, acho que para a América Latina como um todo, para o continente Africano, porque é uma novidade política nos Estados Unidos. Além de ser muito jovem, eleger um negro Presidente da República nos Estados Unidos, sabe, é uma coisa extraordinária. Então, eu ainda trabalho com expectativas e vou continuar tentando convencer o Presidente Obama de que é preciso olhar para a América Latina como um continente que quer se desenvolver, que quer ser soberano, que quer fortalecer a democracia, que quer crescer economicamente, que quer fazer justiça social, sabe, queremos sair daquele olhar de miséria com que éramos vistos durante todo o século XX. Não existe mais na América Latina aquela história da década de [19]60, de que tinha gente querendo luta armada em tudo quanto é país da América Latina. Ou seja, nós conquistamos a democracia. Todos aqueles



grupos que faziam luta armada, todos estão ganhando as eleições pela via democrática. Isso começa com o Chile, começa com o Brasil, Uruguai, Argentina, Bolívia, Venezuela, Equador... É uma coisa excepcional o que está acontecendo no Paraguai, na América Latina. Na América Central, a eleição de Maurício Funes em El Salvador é uma coisa excepcional. Então, é preciso que os Estados Unidos atentem para essa mudança que houve na América Latina e percebam que esses seus vizinhos latino-americanos precisam de parceria, de muita parceria, para se desenvolverem, para conquistarem a justiça social. E eu acho que, ainda, os Estados Unidos têm uma dificuldade de olhar para a América Latina como um continente tranquilo, pacífico, eu diria soberano e querendo fortalecer a democracia.

Jornalista: Algumas pessoas disseram que o golpe em Honduras teve a intervenção de alguns setores norte-americanos. Pode voltar a acontecer algum golpe como esse, impulsionado a partir dos Estados Unidos, por alguns setores conservadores?

Presidente: Olha, eu, eu gostaria que não acontecesse e, sinceramente, eu ainda não tenho condições de avaliar se tem outro interesse de um conjunto de pessoas nos Estados Unidos. A impressão que eu tenho é que o golpe em Honduras se deu por fatores hondurenhos.

Jornalista: Só hondurenhos?

Presidente: Eu penso que, sim, eu penso que... vamos esperar um pouco o tempo passar, analisar mais corretamente. As pessoas vão começar a falar daqui a pouco, daqui a pouco tem um escrevendo um livro, daqui a pouco tem outro escrevendo um artigo, e daqui a pouco a gente tem o que foi que



aconteceu verdadeiramente em Honduras. A única coisa de que eu tenho certeza é que não é admissível um golpe de Estado, mais, na América Latina.

Jornalista: Vamos falar de México e Brasil. Muitos acham que o Brasil ganhou a disputa diplomática contra o México. O senhor ganha todos os jogos? A economia, o futebol, os jogos olímpicos, uma popularidade invejável, e neste momento da história, ganhando do México em notoriedade diplomática.

Presidente: Veja, eu nunca quero ganhar do México, eu quero sempre empatar com o México. Eu quero sempre construir uma parceria. Eu tenho, na verdade, desde o tempo do presidente Fox, eu tenho tentado, junto com o ministro Celso Amorim, junto com o nosso ministro da Indústria e Comércio, trabalhar com a ideia para que o México compreenda que ele precisa se voltar um pouco para a América do Sul, para o Brasil, para a Argentina, para o Mercosul, para... a própria América do Sul. Ou seja, o México não pode ficar com uma relação totalmente ligada aos Estados Unidos, porque quando vem uma crise como essa que veio, se você não tiver uma relação comercial diversificada, você sofre mais. Eu tenho ponderado ao presidente Calderón da necessidade de se aproximar do Brasil. Brasil e México são duas grandes nações, o potencial comercial entre nós é fabuloso. Nós não temos que ter medo uns dos outros. Eu, em uma reunião empresarial, com empresários mexicanos, eles disseram que aprenderam a ter mais medo dos empresários brasileiros do que dos empresários americanos. Não é possível, Brasil e México nasceram para ser parceiros. É preciso que a gente não nos vejamos como adversários, mas como aliados na construção de uma balança comercial forte, de uma relação política forte, de uma relação cultural forte. Então, eu não quero ganhar, eu quero empatar e quero que a gente possa festejar juntos.



Jornalista: Lula é um fenômeno. Lula tem níveis de popularidade muito altos. Qual é o segredo? Por que todos amam o Lula?

Presidente: Nem todos.

Jornalista: Lá fora, me dizem lá de dentro.

Presidente: Eu penso que eu construí uma relação com a sociedade brasileira, com os dirigentes latino-americanos, com dirigentes do mundo inteiro, de amizade, ou seja... eu prezo muito a relação de amizade entre os seres humanos. Eu acho que a única coisa que a gente guarda e leva da nossa passagem pela Terra é a nossa relação de amizade. E no Brasil, eu vim de um movimento social, mantenho uma relação profunda com o movimento social e tenho um governo que está fazendo as coisas corretamente, que soube enfrentar a crise econômica, que soube distribuir renda, que soube aumentar o salário, que soube discutir os assuntos sérios no momento certo. Então, isso permitiu que o povo brasileiro compreendesse que a vida dele está mudando para melhor. E eles identificam isso junto ao governo. Eu fico muito feliz, porque eu já estou no último ano de governo. Depois de 7 anos, já era para as pessoas terem cansado de Lula, mas nem eu cansei do povo nem eles se cansaram de mim. Então, eu acho que é um casamento perfeito.

Jornalista: Todos reconhecem o Lula, mas sua imprensa é muito dura. Por que a imprensa brasileira o trata tão mal?

Presidente: Mas eu não reclamo. Eu não reclamo porque eu sou um amante da liberdade de imprensa. Eu acho que eu só cheguei aonde eu cheguei por causa da Imprensa. Fale mal ou fale bem...e eu penso que a imprensa vive sempre uma incógnita comigo, porque quanto mais eles falam mal de mim mais



eu cresço na opinião pública. E eu tenho uma tese com relação à imprensa, eu tenho uma tese. Se a imprensa for chapa branca, for defensora do governo, ela perde credibilidade. Se ela for muito contra o governo, ela também perde credibilidade. Porque se você todo dia aparecer na televisão fazendo crítica ao governo, fazendo crítica ao governo, o telespectador vai dizer: “Espera aí! Será que esse governo não tem nada de bom, que essa moça todo dia fala mal do governo?” Ou seja, então você também perde credibilidade. Então, você tem que ter um tom justo. Ser contra quando precisa ser contra, ser crítico quando precisa crítico, para ter coragem de dizer a verdade e defender quando precisa defender. Eu acho que o leitor, o leitor...o telespectador e o ouvinte, hoje, é o maior sensor do planeta Terra. Não precisa mais censura. É a inteligência do telespectador que vê quando você está dizendo a verdade ou não está dizendo a verdade. Que vê quando o político está dizendo a verdade ou não está dizendo a verdade. Então, eu acho que isso é o que marca a minha relação com a imprensa brasileira. Eu duvido, que em algum momento da história do Brasil, houve a liberdade de imprensa que há agora. E é assim, ou seja, nós vamos crescer fortalecendo a democracia, fortalecendo a liberdade de imprensa, cada um fala o que quer, é responsável pelo que fala e, também, ouve o que não quer.

Jornalista: O que virá na era pós-Lula?

Presidente: Eu penso que vai vir coisa melhor. Porque nós plantamos muita coisa. Eu espero eleger a companheira Dilma presidente do Brasil. Ela está qualificada, eu acho que é a pessoa mais preparada para governar o Brasil. Tem uma história extraordinária, além de ser muito inteligente e uma extraordinária gerente, ela é muito competente, e eu penso que ela vai dar um salto de qualidade, ou seja, ela vai aprimorar as coisas que nós fizemos e fazer um pouco mais. Porque eu acho que o Brasil entrou em uma rota de



desenvolvimento que não tem retorno, ou seja, nós aprendemos a fazer investimento público, nós aprendemos a fazer investimento em infraestrutura... E o que vem depois de mim, eu só posso dizer para você que será melhor do que aquilo que eu vou deixar.

Jornalista: A popularidade de Lula não é contagiante e a candidata pode perder, como acontece em uma democracia. E se ela não ganhar, o que acontecerá no Brasil?

Presidente: (Risos). Veja, eu acho que o Brasil, o Brasil vive um momento em que, dificilmente, o governante que ganhar as eleições pratique qualquer retrocesso. Agora, a vitória da Dilma é a certeza, não apenas do sucesso econômico, mas a certeza do aprimoramento e aperfeiçoamento das políticas sociais que tanto fazem bem ao Brasil. Então, eu, sinceramente, embora ache que eleição é eleição, a gente pode perder ou pode ganhar, eu, para ser muito sincero, eu acho que nós não vamos perder as eleições.

Jornalista: Espera-se um encontro do senhor com o Presidente mexicano para falar sobre um acordo comercial. O que eu pude ver nesta cúpula é que o Brasil quer, o governo mexicano talvez queira, mas os empresários mexicanos não querem esse acordo.

Presidente: Veja, eu penso que o papel do presidente Calderón e o meu papel é o de tentar quebrar essa barreira, muitas vezes criada na cabeça de segmentos empresariais. Porque no fundo, no fundo, as pessoas precisam compreender que, pelo tamanho do México e pela a importância do México, pelo tamanho do Brasil e a importância do Brasil, nós precisamos parar de ter medo. Nós temos é que nos juntar para disputar com os Estados Unidos, para disputar com a China, para disputar com a União Europeia. Juntos, nós temos



quase 300 milhões de habitantes, nós temos importância, são dois países muitos grandes. Portanto, eu quero fazer questão de convencer os empresários mexicanos a pararem de ter medo do Brasil e verem no Brasil um parceiro, um aliado. E os empresários brasileiros a mesma coisa, ver nos mexicanos aliados, e não adversários.

Jornalista: O senhor vai a Cuba, ao Haiti e a El Salvador. É a despedida de Lula, é o ano de despedida de Lula?

Presidente: Não, não...

Jornalista: Sim!

Presidente: Não, sabe por quê? Porque ainda faltam onze meses, e eu tenho muita coisa para fazer. Este ano nós temos um ano muito cheio de política externa. Nós ainda vamos receber este ano os Bric's, vamos receber depois o Líbano, a África do Sul, Índia, China, Rússia, eu ainda tenho que ir para o Oriente Médio, eu tenho que ir para o Iran... Nós vamos ter uma agenda muito complicada. Somente a partir de julho é que eu vou me dedicar mais à questão interna de campanha e só vou pensar em me despedir quando chegar dia 30 de dezembro, que é o dia da minha despedida. Eu preciso trabalhar até o último dia de governo e vou trabalhar, porque tem muita coisa para acontecer no Brasil. E se o chefe desanima, todo mundo desanima. Então eu tenho que estar ali na frente, trabalhando, viajando, que é para manter a equipe muito afiada e muito entusiasmada.

Jornalista: Até o último dia do ano?

Presidente: Até o dia 31, à meia noite.



Jornalista: Presidente, muito obrigada, foi um prazer.

Presidente: *Gracias.*

(\$31DHJMQ)